



CORPO DE DELITO

A pele

Kim Novak vestia verde-esmeralda – era o que eu teria dito se me tivesse concentrado no acessório em vez de no essencial, e se tivesse entrado na discussão



Rui Patrício

No princípio era a pele. Não era o verbo, era a pele – de Kim Novak. No filme “Vertigo”, de Alfred Hitchcock, a personagem interpretada por James Stewart vê pela primeira vez – e ela aparece pela primeira vez – a personagem interpretada por Kim Novak no restaurante Ernie’s, e vê-a de costas, sentada à mesa, com o pescoço e parte das costas intensamente visíveis e brancas – a contrastar com o preto e o verde do vestido e a acentuar o mistério que a envolve. Não há muitos filmes em que o momento mais marcante seja a visão da pele de uma actriz no generoso espaço de um decote. Talvez também “O Leopardo”, com a entrada de Claudia Cardinale no baile, com o seu colo e os seus ombros trigueiros e luminosos, e também com a força da juventude e da clas-

se emergente, pois Visconti não se limita a colocar sobre os ombros da actriz italiana os poderes da beleza e do desejo, mas também o essencial da metáfora que o seu filme contém. E nos dois filmes sobressai a pele, e o seu reflexo nos olhos das personagens masculinas. Está aí, nas nossas salas de cinema, reposto em cópia revitalizada, o filme “Vertigo”. Naquela tarde de sábado, um grupo de rapazes e raparigas, que nunca o vira, arriscara ir ver um filme antigo. Quase todos haviam gostado, e no fim dois deles discutiam se Kim Novak, naquela cena, vestia verde-petróleo, verde-tropa, verde-azeitona ou verde-garrafa. Discutiam, trocavam argumentos e pontos de vista, rebatiam, voltavam atrás, davam voltas; falavam, falavam, sempre em redor do mesmo tema (o verde).

Se fossem médicos menos expeditos, em vez de operarem logo uma emergência, discutiriam se deveriam operar com tesoura recta ou com tesoura curva. Se fossem governantes de pacotilha, discutiriam se as medidas deveriam ser comunicadas desta ou daquela forma, com esta ou aquela ênfase, obtendo ou não prévios consensos, em vez de as

tomarem e as executarem. Se fossem economistas débeis, discutiriam – interminavelmente – se deveriam cortar na despesa do sector a, b ou c, em vez de cortarem. Se fossem bizantinos, discutiriam, com o inimigo à porta, se os anjos têm ou não sexo. Se fossem analistas falhados, discutiriam se a culpa era dos bancos ou dos clientes, em vez de olharem em frente e para as soluções. Se fossem setecentistas inertes na Lisboa do terramoto, discutiriam se a culpa era dos pecadores ou da natureza, em vez de enterrar os mortos e tratar os feridos. Se fossem tagarelas oniscientes, dariam palpites e receitas, em vez de fazer. Como são apenas jovens, pouco cinéfilos e pouco atentos, discutiam o verde, em vez de repararem no pescoço e nas costas de Kim Novak. E na pele. A pele intensa e branca, a contrastar com o preto e o verde do vestido. Aliás, nenhum daqueles verdes; Kim Novak vestia verde-esmeralda – era o que eu teria dito se antes de os ouvir discutir tivesse dado atenção ao verde, se me tivesse concentrado no acessório em vez do essencial, e se tivesse entrado na discussão.

Advogado, escreve ao sábado



O impacto da pele de uma estrela de cinema